

**“Justiça com as próprias mãos”:
grupos de discussão e trabalhos manuais com mulheres negras atendidas
pela “Maria Mulher” – os limites da/na legislação e a possibilidade de construir
coletivamente alternativas viáveis para a superação de situações de opressão.**



Acadêmica: Clarissa da Silva Machado (PIBIC/UFRGS-CNPq)
Email: cyssa100@gmail.com
Orientadora: Profª Drª Aline Lemos da Cunha (FACED/DEE)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



APRESENTAÇÃO:

Reconhecendo a necessidade de alternativas em rede no cuidado e proteção de mulheres em situação de violência racial e de gênero em diversos âmbitos (doméstico, no trabalho, no ambiente de estudos, etc.) e ao encontro de propostas que primam pela efetivação dos Direitos Humanos das Mulheres, realizamos na Vila Cruzeiro (POA, RS) grupos de discussão com atividades manuais da sede da OnG Maria Mulher.



OBJETIVO:

Promover a coletividade de mulheres negras atendidas pela “Maria Mulher” as quais apresentam demandas em que os limites da/na legislação impossibilitam o encaminhamento jurídico da denúncia.



METODOLOGIA:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida no campo da Educação, tratando dos seguintes temas: processos educativos não-formais e direitos humanos das mulheres. Suas matrizes metodológicas encontram-se na pesquisa participante (BRANDÃO e STRECK, 2006) e na pesquisa formação (JOSSO, 2004). Como forma de coleta de das informações, buscamos o referencial dos grupos de discussão (WELLER, 2006) e da observação participante (GASKELL, 2002; WELLER, 2006).



CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Verificamos ser desnecessária qualquer abordagem sobre o tema violência contra mulher para que ocorra o relato de experiências vividas pelas participantes do grupo. Também, encontramos limites da/na legislação como: deficiências na rede protetiva às mulheres em situação de violência, medo de represália por parte da mulher e a falta de proteção ao denunciante quando este não é a mulher agredida ou outra mulher. Porém, conforme o aumento gradual de integrantes no grupo de artesanato, notou-se a diminuição dos relatos de violência vivida e mais numerosa a presença de um discurso androcêntrico e machista, o qual entendemos que pode impedir que estas mulheres percebam sua situação de opressão. Também, como consideração inicial, pode-se entender que participar do grupo é um “momento-janela” onde estas mulheres experimentam um espaço diferenciado e propício para a discussão de temas como, seus sonhos e desejos



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **STRECK**, Danilo R. Pesquisa Participante: o saber da partilha. Aparecida: SP, Ideias e Letras, 2006. 295p.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In.: **BAUER**, Martin W., _____. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 5.ed. Petrópolis: RJ, Vozes 2002. p. 64-89.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004. 285p.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, 2006.

